

O LIVRO DE LEITURA DE PÉ NO CHÃO: 1963 (UMA CARTILHA DEMOCRÁTICA)

Maria Elizete Guimarães Carvalho¹

Introdução

A década de sessenta testemunhou um conjunto de experiências educacionais de caráter popular que se opunha ao sistema regular desenvolvido nas escolas públicas, buscando a erradicação do analfabetismo e o desenvolvimento da consciência social e política dos setores populares.

Dentre os Movimentos de Educação Popular, abordaremos neste estudo, a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, implantada pela Prefeitura de Natal em 23 de fevereiro de 1961, focalizando os conteúdos pedagógicos trabalhados pelo Livro de Leitura "De Pé no Chão", utilizado por essa Campanha, sendo objeto de discussão os temas que agrupam as lições.

Esse Livro de leitura, também conhecido como Cartilha de Alfabetização de Adultos, foi lançado em abril de 1963, por ocasião do Congresso de cultura Popular de Natal.

1. A CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO

A Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, movimento de educação popular de Natal, teve sua origem na proposta popular de erradicação do analfabetismo em Natal, no início da administração do Prefeito Djalma Maranhão, que adotou como sua e defendeu arduamente essa reivindicação do povo.

Liderando uma frente de sociais - democratas, socialistas, comunistas e cristãos, tendo feito uma aliança com liberais e conservadores modernos, o jornalista Djalma Maranhão, em 1960, ganha a eleição para a Prefeitura de Natal (GÓES, 1995), desenvolvendo uma prática política frente à Prefeitura, voltada para os interesses dos setores populares com os quais identificava-se sua administração.

Com efeito, o atendimento às reivindicações populares, elegendo a "educação e cultura a meta número um de governo" (Cultura popular e Pé no Chão, 1963, apud GERMANO, 1989), demonstra o interesse do Prefeito Djalma Maranhão pelos problemas do povo, já que no início da década de sessenta o processo educativo em Natal apresentava resultados desesperadores, pois, enquanto a população crescera consideravelmente, o número de escolas públicas primárias regredira, limitando as chances das populações carentes frequentarem à escola.

Referindo-se à questão, assinala GERMANO (1989, p. 99 - 100):

A situação educacional do município era dramática, o número de escolas públicas regredira ao longo dos anos, ao invés de aumentar. Basta ver que os onze grupos escolares que há vinte anos atrás funcionavam na cidade estavam reduzidos, em 1961, a dez unidades de ensino. Da mesma

¹ Base de Pesquisa Educação e Sociedade, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Campus Universitário, Lagoa Nova, Natal, RN;
Av. Praia de Tibau, 2197, Ponta Negra, Natal, RN (residencial).

maneira, o número de ‘escolinhas’ mantidas pela prefeitura decrescera de 120 em 1958 para 86 em novembro de 1960. Natal contava uma população de 154.276 habitantes segundo o censo de 1960, e tinha mais de 30.000 analfabetos (adultos e crianças) sem escolas.

Compreende-se, então, o empenho do povo pelo atendimento a essa reivindicação e seu engajamento na Campanha De Pé no Chão.

Essa Campanha educacional desenvolvida no bojo dos anos sessenta estava em perfeita conexão com o processo mobilizatório aí estruturado, significando o avanço das classes populares nos campos social e político.

De acordo com GERMANO (1989), o processo de mobilização estava vinculado à ‘crise’ do Estado burguês e ao conseqüente avanço dos movimentos de massa.

Nesse sentido, muitas foram as mobilizações realizadas em Natal como reflexo do contexto nacional, em que o povo participava em “função de questões políticas, locais, nacionais e mesmo internacionais”(GERMANO, 1989, p. 92), podendo-se citar: a concentração no Grande Ponto, em defesa do povo cubano, quando da invasão da Baía dos Porcos em 1961; a manifestação dos estudantes e trabalhadores pela posse de João Goulart, o comício promovido pelos nacionalistas locais (05 - 05 - 1963), em que o convidado Leonel Brizola pronunciou violento discurso e que teve repercussão nacional... Era um momento de agitação vivenciado por todo país, sendo que, às mobilizações ocorridas em Natal, estavam presentes o prefeito, correligionários e lideranças sindicais e estudantis.

Considere-se a compreensão de GÓES (1991, p. 109) sobre o momento histórico:

É evidente que a emergência desses fatos em Natal só foi possível porque, no Brasil, na mesma época, as chamadas ‘liberdades burguesas’ possibilitavam a mobilização das massas populares... até que essas atemorizaram o “status quo”, em 1964.

Com efeito, os conflitos e contradições entre as classes (neutralizados por algum tempo) estavam vindo à tona, urgindo a necessidade de reformas de base, em atendimento às reivindicações das massas. É nesse contexto que nasce “De Pé no Chão”.

A Campanha tinha como filosofia “convocar as forças vivas da comunidade a um trabalho do, com e para o povo” (GÓES, 1991, p. 95), e objetivo, erradicar o analfabetismo em Natal, despertando a consciência política do aluno, utilizando o Sistema Paulo Freire de Alfabetização.

1.1. O “Livro de Leitura De Pé no Chão”

A Cartilha de Alfabetização de adultos foi criada no âmbito de uma concepção libertária de educação, onde alfabetizar e conscientizar não se distinguem, apresentando temas que abordavam a realidade político-social.

Esse Livro de Leitura não se constituiu uma proposta original, mas uma adaptação do Livro de leitura para adultos, do Movimento de Cultura Popular do Recife, às condições de Natal, desdobrando seu olhar para a própria realidade local.

Já a proposta metodológica reunia em síntese o sistema Paulo Freire e a posição de Norma Porto Carreiro Coelho e Josina Maria Lopes de Godoy, que, apesar de apresentarem

conflitos internos, ambos “partiam da conscientização do educando, do despertar de sua consciência crítica, buscando um processo global de politização” (GÓES, 1991, p. 133).

A criação da metodologia é explicada por GÓES (1991, p. 133):

Diria que fizemos uma síntese das duas posições. Em face dos obstáculos para o emprego ortodoxo do Sistema Paulo Freire, terminamos utilizando a escrita de Coelho/Godoy e a oralidade de Paulo Freire. Isto é: partindo da lição da Cartilha, era aberta toda a discussão com a linguagem conscientizadora de Paulo Freire, nas classes de adultos, nos Círculos de Pais e Professores, nas Praças de Cultura, nos teatros, na imprensa, nos textos legais no discurso político - enfim, em todas as manifestações culturais da Campanha, excetuando a escola primária de crianças e adolescentes.

Ainda, no que diz respeito à metodologia, a Cartilha “De Pé no Chão” apresentava um grande número de exercícios, ênfase na repetição como reforço à aprendizagem e na exploração de fonemas, permitindo a criação de novas palavras.

Buscando atender o objetivo da Campanha - alfabetizar, conscientizando, esse Livro de Leitura dirige seu olhar para a realidade local, pois alfabetiza com “casebre”, “bambelô”, “estrada de barro”, “algodão”, “sal”, “minério”, “desemprego”... enfatizando o conteúdo vivenciado pelo educando em seu meio ambiente.

E pela listagem dos temas trabalhados na Cartilha de Alfabetização, percebe-se o conteúdo político-ideológico vivenciado pela Campanha De Pé no Chão, assim como a visão de mundo dos educadores.

Consideremos alguns:

Voto - Povo; Vida - Saúde - Pão; (...) Casa - Casebre. / O povo sem casa vive no casebre. / Eu vi o povo sem casa; Operário - Família - Emprego. / Com o desemprego o povo vive sem pão. / o operário luta pelo pão de sua família. / A luta do operário é a luta de todo o povo; Natal - Cidade. / O povo todo da cidade do Natal tem emprego? / - Na cidade do Natal não há emprego para todo o povo. / O homem desempregado não tem casa. / O homem desempregado não tem pão. / (...) / A cultura na mão do povo é arma na luta pela liberdade. Escola - Acampamento - Livro. / O operário vai à escola? / - Sim, ele vai à escola do Acampamento. / O Acampamento “De Pé no Chão” é a escola do povo. / Lá ele Lê o livro de leitura. / O livro “De Pé no chão é o seu livro de leitura; República - Democracia - Paz (GÓES, 1995, p. 53 - 54).

Todos esses temas abordam questões relacionadas à realidade do povo, sua luta pela sobrevivência, saúde, educação e dignidade.

Os conteúdos das leituras eram trabalhados, criando-se uma discussão com a linguagem conscientizadora de Paulo Freire, estando implícita (e explícita) em todo o processo de alfabetização uma filosofia democrática da educação, que visava despertar no homem a vivência e o espírito democrático.

Daí, as lições discutiam temas que orientavam para a democracia, para a formação de uma consciência democrática, contendo reivindicações sociais, levando o homem a compreender sua responsabilidade na vida da nação.

As leituras revelavam os anseios do povo por saúde, trabalho, educação e por participação na vida política e social do país, sendo o ponto de partida para uma discussão conscientizadora, orientada pelo sistema Paulo Freire.

O processo de conscientização do povo operava-se através da Escola, Praça de Cultura (parque infantil, bibliotecas, jornal mural, campo esportivo, fórum de debates), Teatrinho do Povo, Museu de Arte Popular Câmara Cascudo e Congressos, que faziam parte de uma política cultural globalizante, onde a cultura popular tinha função desalienadora, constituindo-se instrumento de libertação nacional.

O discurso da Campanha recebeu influência da Revolução Cubana, que, já em 1961, desenvolvia uma de suas propostas - erradicar o analfabetismo. O livro de leitura utilizado nesse projeto chamava-se “Venceremos” e foi editado em 1961.

Essa Cartilha, o “Livro de Leitura para Adultos” (Movimento de Cultura Popular de Recife) e o “Livro de Leitura De Pé no Chão” (editados os dois últimos, respectivamente, em 1962 e 1963) apresentavam pontos comuns como o momento histórico em que surgiram - contexto de lutas e reivindicações populares, embora em Cuba, “já era a construção de uma Revolução que detinha o poder” e “aqui, uma Revolução que buscava caminhos” (GÓES, 1995, p. 60), os temas², que discutiam a realidade político-social dos alfabetizandos, o conteúdo político - ideológico que visava à conscientização do povo, a metodologia (método analítico, baseado na repetição) e outros aspectos que os aproximavam - a impressão, reproduções fotográficas, tornando-se claro que o “Livro de Leitura para Adultos” - MCP foi criado sob a inspiração da experiência cubana de erradicação do analfabetismo, orientando-se os educadores da Campanha de Pé no Chão pelo mesmo caminho, já que as idéias novas circulam pelo mundo livres de bloqueios alfandegárias (GÓES, 1995).

Daí, as propostas de alfabetização apresentadas por esses três livros eram convergentes, embora em Recife e Natal a conscientização no ensino não tenha podido realizar seu objetivo.

² Verifique-se alguns temas contidos nas três Cartilhas: “Cada Cubano Doeño de su Casa. / No habra bohios ni salares en años venideros. / Ahora se hacen muchas casas. / Muchas casas para todos”(…) “; Ya Llego el Año de la Educación! / Miles de cubanos quieren aprender. / ; Que poderemos leer? / ! Patria ou Muerte! / - ! Venceremos ?“(Venceremos)

“Casa - Mocambo. / o povo sem casa vive no mocambo. / Eu vi o povo do mocambo”. (...) “Escola - Operário - Livro. / - O operário vai à escola? / - Sim, ele vai à escola do MCP. / A escola do MCP é do povo! / - O operário ouve aula pelo rádio? / - Sim, ele ouve aula pelo rádio e lê o livro do MCP”. (Livro de Leitura para adultos - MCP)

“Casa - Casebre. / O povo sem casa vive no casebre. / Eu vi o povo sem casa. (...) “Escola - Acampamento - Livro. / - O operário vai à escola? / - Sim, ele vai à escola do Acampamento. / O Acampamento “De Pé no Chão” é a escola do povo. ? Lá ele lê o livro de leitura. / O livro “De Pé no Chão é o seu livro de leitura”. (GÓES, 1995, p. 50 - 53)

Conclusão

O Livro de Leitura “De Pé no Chão”, originado no bojo de uma política de cultura popular, traz manifesto, em sua proposta pedagógica de alfabetização, o empenho de conscientizar o povo para sua libertação econômico-social e política.

Nesse sentido, são apresentados e discutidos os conteúdos das lições, que procuram educar para a democracia, com o objetivo de despertar no homem sua responsabilidade na vida da nação, conscientizando-o de sua realidade e possibilidade de transformação.

Com efeito, a sintonia da educação popular no Nordeste dos anos 60 com a campanha de erradicação do analfabetismo em Cuba aponta, também, para uma conexão no sentido político-ideológico de deter a trajetória da dominação.

Bibliografia

FREITAG, Bárbara. Escola, estado e sociedade. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GERMANO, José Willington. Lendo e aprendendo: “a campanha de pé no chão”. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GÓES, Moacyr. De pé no chão também se aprende a ler: 1961 - 64: uma escola democrática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. Cuba - Recife - Natal: ou o sonho de três cartilhas de alfabetização para mudar o mundo. Contexto & Educação. Revista de Educación en América y el Caribe. p. 45 - 64, jul/set. 1995.

NETA, Antônia de Freitas. Uma experiência de articulação biblioteca - sociedade: resgate histórico das bibliotecas populares na campanha de pé no chão também se aprende a ler - Natal - RN: 1961 - 64. João Pessoa.1993. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia). Universidade Federal da Paraíba.



www.dhnet.org.br